

KARL HAUSHOFER: A GEOPOLITIK ALEMÃ E O III REICH

KARL HAUSHOFER: THE GERMAN GEOPOLITIK AND THE III REICH

Wesley de Souza Arcassa¹
Paulo Fernando Cirino Mourão²

Resumo: O presente artigo de temática vinculada à *Geopolitik* alemã consiste em um dos resultados do projeto de pesquisa intitulado: “Karl Haushofer: a *Geopolitik* Alemã vai à Guerra”. Este trabalho visa compreender as idéias e teorias estabelecidas pelo general alemão, Karl Ernst Nikolas Haushofer, bem como, a influência do pensamento de Ratzel na construção dos preceitos deste militar-geógrafo. Além, de analisar o grau de influência de Haushofer e da *Geopolitik* alemã perante as decisões estratégicas arquitetadas pelo III *Reich*, desde a subida de Hitler ao poder até o trágico fim do nazismo em maio de 1945.

Palavras-chave: Karl Haushofer; *Geopolitik* Alemã; *Zeitschrift für Geopolitik*; Cartografia Geopolítica; II Guerra Mundial.

Abstract: The present article has its thematic linked to German *Geopolitik* and consists in one of the results of the research project entitled: “Karl Haushofer: the German *Geopolitik* goes to War”. This study aims to understand the ideas and theories established by the German general, Karl Ernst Nikolas Haushofer, as well as the influence of Ratzel’s thought in the construction of this military-geographer’s precepts. Moreover, to analyze the degree of influence of Haushofer and the German *Geopolitik* toward the strategic decisions divided by the III *Reich*, since Hitler’s rise to power until the tragic end of Nazism in May 1945.

Key Words: Karl Haushofer; German *Geopolitik*; *Zeitschrift für Geopolitik*; Geopolitical Cartography; II World War.

¹ Licenciado e Bacharelado em Geografia pela UNESP - *Campus* Experimental de Ourinhos.

² Professor Assistente Doutor da UNESP - *Campus* Experimental de Ourinhos.

Introdução

A Geopolítica, as suas concepções, as suas vicissitudes são indissociáveis das turbulências e das tragédias do século XX. Esta pode ser compreendida como um dos descendentes diretos do inquietante desejo humano de construir uma ciência do poder. Assim, a geopolítica graças a uma apreensão “científica” das interações entre o homem e o espaço fornece os subsídios necessários à compreensão das leis do poder.

A Geopolítica, quaisquer que sejam as contribuições de Karl Haushofer e da *Geopolitik* alemã, não poderia deixar de ser levada, após a Segunda Guerra Mundial, na derrocada das utopias científicas. Entretanto, como afirma Colin S. Gray em seu *The Geopolitics of the Nuclear Era* (1977), “a geopolítica pode ter passado de moda, mas as interpretações políticas de uma realidade global, comum, têm um papel de grande importância, por vezes incompreensível, na maneira como definimos os problemas”.

O Advento da Geografia Política/Geopolítica

Desde a sua institucionalização como um ramo independente da ciência, a Geografia se viu diante da difícil tarefa de compreender e atuar sobre a produção, organização e diferenciação do espaço. Nesse sentido, surge a moderna concepção de geografia política como terminologia e área de conhecimento consolidada nas ciências sociais, a qual data do final do século XIX. Fato este que ocorreu devido à institucionalização da geografia enquanto ciência e o reconhecimento da geografia política como uma subdisciplina formal na Alemanha, a partir dos trabalhos de Friedrich Ratzel.

De acordo com Castro (2005, p.18), “[...] em sua origem, ao contrário da atualidade, a geografia política se colocou o compromisso de compreender o modo pelo qual a política era influenciada pela geografia. No final do século XIX, quando da sua institucionalização como ramo da geografia, a geografia política procurou na natureza o marco teórico para explicação da vida política”. A autora demonstra a importância de Ratzel à geografia através do seguinte pensamento:

Indo além do determinismo do meio natural como fundamento do “espírito das leis”, Ratzel procurou elaborar uma verdadeira teoria das relações entre a política e o espaço, introduzindo o conceito de sentido do espaço, segundo o qual certos povos tinham maior capacidade de ordenar as paisagens, de valorizar os recursos naturais, de se fortalecer a partir do seu próprio enraizamento no território. Como ocorreu com as ciências sociais naquele período, o modelo de Ratzel foi fortemente inspirado na biologia, e os temas por ele privilegiados respondiam à necessidade de refletir sobre os problemas de sua época, ou seja, a disputa por territórios e o fortalecimento do Estado nacional como garantia de poder dos povos sobre os territórios por eles ocupados (CASTRO, 2005, p.19-20).

Poder e estratégias de controle e dominação a partir do território controlado pelo Estado nacional foram questões sempre implícitas ou explícitas na agenda da geografia política nas primeiras décadas do século XX, o que fez das escalas de análise nacional e global as mais adequadas aos estudos da disciplina. A partir dos

pressupostos estabelecidos por este ramo da ciência geográfica, surge como uma derivação quase que direta a geopolítica, a qual segundo as palavras de Costa (2008, p.55) pode ser considerada “[...] antes de tudo um subproduto e um reducionismo técnico e pragmático da geografia política, na medida em quem se apropria de parte de seus postulados gerais para aplicá-los na análise de situações concretas interessando ao jogo de forças estatais projetado no espaço”.

Já para Mello (1999, p.74): “a geopolítica é um ramo autônomo da ciência política que tem por objeto de estudo as relações e as mútuas interações entre o Estado e sua geografia. Esta disciplina possuiu um acervo de conhecimentos teóricos e empíricos que pode ser utilizado no planejamento da política de segurança de um país no tocante a seus fatores geográficos”.

Entretanto, conforme o estabelecido por Costa (2008, p.55):

[...] a geopolítica representa um inquestionável empobrecimento teórico em relação á análise geográfico-política de Ratzel, Vallaux, Bowman, Gottmann, Hartshorne, Whittlesey, Weigert, e tantos outros. Essa é a questão essencial, desde logo, que deve sobrepor-se às demais, a começar dos artifícios notoriamente simplórios como o de tentar situá-la como “ciência de contato” entre a geografia política e a ciência política, a ciência jurídica etc., bastante comum nas introduções de inúmeros gerais-geógrafos-geopolíticos, a começar pelo próprio Karl Haushofer.

A geopolítica nasceu com o jurista sueco Rudolf Kjellén, cuja fama se deve principalmente ao fato de ter criado o termo geopolítica, buscando expressar suas concepções sobre as relações entre o Estado e o território. Dentre suas principais obras destacam-se: *As Grandes Potências* (1905) e *O Estado como Forma de Vida* (1916). Para este autor, a geopolítica consiste em um ramo autônomo da ciência política, distinguindo-se da geografia política, a qual representa um sub-ramo da geografia. Kjellén utiliza-se da idéia de Estado como organismo territorial preconizada por Ratzel, mas acaba por reduzir o Estado a um organismo de tipo biológico. Em conformidade a esses preceitos, Vesentini (2005, p.16) afirma que:

A partir destas idéias iniciais a geopolítica logo se expandiu, tendo encontrado no cenário mundial da primeira metade do século XX um solo fértil para crescer. A ordem mundial multipolar que vigorou desde o final do século XIX até a Segunda Guerra Mundial propiciava um clima de pré-guerra entre as grandes potências do período, com acirradas disputas por territórios, mercados e recursos na África, na Ásia e até na Europa. Com o declínio relativo da Inglaterra, grande potência mundial na ordem monopolar da segunda metade do século XVIII e de quase todo o XIX, os embates pela hegemonia mundial se multiplicavam. Nesse contexto, inúmeros pensadores se engajaram na tarefa, apelidada de geopolítica por Kjellén, de compreender o equilíbrio de forças no espaço mundial e as condições pela qual um determinado Estado pode se tornar uma grande potência. Na visão desses pensadores, de forma inclusive coerente com a sua época, o fundamental era a quantidade de recursos — mercados, povos (mão-de-obra, soldados), solos agriculturáveis, minérios, espaço geográfico enfim. Daí as geopolíticas clássicas terem sido em geral explicações a respeito da importância estratégica de determinados territórios, da

necessidade de expansão territorial — ou controle de espaços (rotas marítimas ou áreas geoestratégicas) — como forma de fortalecimento do Estado e de adquirir hegemonia.

Karl Haushofer: um alemão de seu tempo

A partir dos estudos e teorias elaborados por Friedrich Ratzel desenvolve-se o que se chamou de geopolítica alemã, ou, mais precisamente, *Geopolitik*, que tanta polêmica gerou por suas relações com o nazismo. “As discussões sobre ela têm sua origem no fato de que até que ponto este era o único desenvolvimento possível, ou se trata de uma distorção das idéias ratzelianas. O que parece fora de dúvida é que Ratzel é um referencial indiscutível e reconhecido por parte dos geógrafos envolvidos” (FONT; RUF, 2006, p.60).

Cabe destacar, que o período áureo da “geopolítica clássica” encerra-se com a morte do general-geógrafo, Karl Ernst Nikolas Haushofer, o qual mesmo não tendo cunhado o termo “Geopolítica” é com razão considerado o principal representante da sua forma alemã. A 10 de março de 1946, Haushofer e sua esposa Martha foram encontrados mortos pelo seu filho Heinz no jardim da sua propriedade. Os dois suicidaram-se.

No decurso do verão de 1945, Haushofer, como figura eminente da geopolítica alemã, foi detido e interrogado pelos Aliados em um campo de oficiais prisioneiros. Haushofer tem 70 anos. É um homem despedaçado. A 28 de janeiro de 1946 é-lhe retirada a autorização de ensinar na Universidade de Munique. Não lhe resta mais do que matar-se com a mulher, companheira de toda a sua vida (DEFARGES, 2003, p.67).

Dessa forma, acaba a *Geopolitik* alemã, produto de um percurso elaborado desde o século XVIII e que atinge o seu apogeu entre o fim do século XIX e a Segunda Guerra Mundial. Em 1945, devido à luta contra a Alemanha nazista, a geopolítica é olhada como uma “ciência alemã”, que justifica cientificamente a ideologia do espaço vital e a vontade de conquista e dominação de Adolf Hitler.

Cabe indagar se a “ciência do poder no espaço” pode ser uma disciplina neutra, desligada das paixões dos seus autores, quaisquer que sejam os seus escrúpulos e o seu rigor? Deste ponto de vista, o suicídio de Haushofer, a constatação do fracasso da *Geopolitik* alemã, inscreve-se na derrota apocalíptica da Alemanha de Hitler, a 08 de maio de 1945.

Todavia, a geopolítica na Alemanha não pode ser reduzida a simples trabalhos de conceitualização de uma política de poder. Karl Haushofer, que representa a figura máxima deste pensamento alemão, é um geopolítico de reflexão no sentido pleno da palavra, mas apresenta preconceitos, paixões, dogmatismos e fraquezas. Isso demonstra que analisar a geopolítica alemã implica, sobretudo, refletir sobre as relações complexas entre Haushofer e a Alemanha de Hitler, bem como entre este autor e as idéias preconizadas por Friedrich Ratzel.

De acordo com as explicações de Defarges (2003, p.78):

Do ponto de vista dos geógrafos, ciosos de estabelecer “relações objetivas” entre espaço e poder, a guerra oferece o melhor dos terrenos de análise. Ela clarifica os constrangimentos e os triunfos da geografia. Além do mais, a análise geográfica deve trazer ao militar

e ao político um conhecimento “científico” dos espaços, das suas articulações. As intuições de estratégia podem ser verificadas — confirmadas, aprofundadas ou desmentidas — pelos estudos metódicos do geógrafo, demonstrando o valor real deste ou daquele dado geográfico (rios, cadeias montanhosas, planícies) e explorando assim ao máximo as suas propriedades.

Talvez o general-geógrafo Karl Haushofer (1869-1946) seja o geopolítico mais conhecido, sendo este renome indissociável da história da Alemanha, do seu caráter excepcionalmente violento e trágico, durante os vinte sete anos que abrangem desde a derrota na Primeira Guerra Mundial em 1918 até a queda de Hitler em 1945, fato este que marca o fim da Segunda Guerra Mundial.

Para o filósofo alemão Hegel, o homem é em primeiro lugar filho de sua época. Haushofer pertence a um momento da história da Alemanha e, para além desta, do mundo. Nascido em Munique a 27 de agosto de 1869, tem como meio a burguesia intelectual alemã. Em 1887, aos 18 anos, Haushofer empreende o seu primeiro percurso, o de oficial de carreira, o qual não apresenta nada de assinalável. No ano de 1896 casa-se com Martha Mayer-Doss, que será sua companheira até o fatídico suicídio, apoiando-o durante suas numerosas doenças e depressões e ajudando-o em suas reflexões.

De 1908 a 1910, Haushofer viaja em missão diplomática ao Extremo Oriente; suas impressões do Japão e da Manchúria não cessam de alimentar seus trabalhos. Em 1912, Haushofer mesmo doente é estimulado por sua esposa a escrever seu primeiro livro (*Dai Nihon*), tendo como temática principal o Japão. No ano de 1919, defende sua tese “Orientações Fundamentais no Desenvolvimento Geográfico do Império Japonês, 1854-1919”.

Durante grande parte da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Haushofer participa em duros combates, tanto na frente ocidental como na frente oriental. Ao mesmo tempo, o projeto intelectual do general ganha forma. Lê “O Estado como Forma de Vida” de Rudolf Kjellén (1916), jurista sueco germanófilo e inventor, em 1900, do termo geopolítica. Segundo Kjellén *apud* Defarges (2003, p.79), a geopolítica: “É a ciência do estado enquanto organismo geográfico, tal qual se manifesta no espaço. O estado enquanto país, enquanto território ou, de maneira mais significativa, enquanto império”. Desse período em diante, Haushofer passa a ter a geopolítica como objetivo final. Convencido de que entre 1914 e 1918, a Alemanha sofreu uma guerra que visava o seu aniquilamento, o autor desenvolve a idéia de a Alemanha se transformar em uma grande potência mundial.

No período subsequente à derrota alemã de 1918, Haushofer, próximo aos seus cinquenta anos, multiplica suas atividades: professor de Geografia do ensino superior; criador e editor da revista de geopolítica *Zeitschrift für Geopolitik*; conferencista, nomeado ao serviço da política do *Volkstum* (comunidade alemã no seu conjunto, para além das fronteiras do estado alemão). Ao longo dos anos de 1920 e 1930, Haushofer é onipresente através de uma produção multiforme (livros, artigos, relatos etc.). De 1914 a 1939 impõe-se como autoridade intelectual, principalmente sobre os seus estudantes.

Em 30 de janeiro de 1933, Adolf Hitler é nomeado chanceler do *Reich*. Ora, a 04 de abril de 1919, Karl Haushofer conhece Rudolf Hess, então com 24 anos de idade. Entre esses dois oficiais alemães estabeleceu-se uma relação muito forte, sendo o segundo discípulo direto do primeiro. Hess na época era uma das figuras mais próximas de Hitler, que até então não passa de um agitador em anos

conturbados. Através de Hess, Haushofer encontra — diversas vezes, ao que parece — Hitler entre 1922 e 1938 (em particular quando Hitler, na sequência do fracasso da sua tentativa de *putsch* em Munique, é mandado para a prisão de Landsberg, em 1924, e dita a Hess, o seu secretário particular, o *Mein Kampf*). Não resta nenhum vestígio das conversas entre Adolf Hitler e o fundador da *Geopolitik* alemã.

Defarges (2003, p.80-81) analisa as contradições vividas pelo general-geógrafo durante o nazismo, demonstrando que

[...] a posição de Karl Haushofer na Alemanha nazi ilustra bem as contradições que qualquer intelectual encontra face a um regime que não tolera nenhum desvio, mesmo menor, de pensamento. Por um lado, para Haushofer, obcecado com a grandeza da Alemanha e a derrota de 1918, Hitler, pelo menos até 1939, encarna uma Alemanha ordeira, respeitada, que reúne a comunidade alemã, desfaz as iniquidades do Tratado de Versalhes e obriga os seus antigos inimigos, a Grã-Bretanha e a França, a curvarem-se. Por outro lado, o universo mental de Haushofer é o da Alemanha guilhermiana, aristocrática, burguesa e apegada às hierarquias. Terá Haushofer conhecido e compreendido o sistema hitleriano, a sua violência plebéia, a sua violência revolucionária, o seu fanatismo anti-semita e racista?

Haushofer diversas vezes aparece à margem da Alemanha hitleriana. Este nunca será membro do Partido Nacional Socialista. Nos primeiros anos do Terceiro *Reich* (1933-1936), o autor detém importantes responsabilidades nas ações que visavam atingir os alemães de origem (*Volksdeutsche*) que viviam fora das fronteiras do estado alemão. Mas Haushofer encontra-se desestabilizado pela vontade de controle do aparelho nazi. Isso porque, pertencia ao “nacionalismo conservador”, que se tornou obsoleto perante a política nazista, determinada a não recuar frente a qualquer obstáculo que impedisse sua progressão. A mulher de Haushofer, cujo pai não era alemão (“não ariano”), foi ameaçada pelas leis racistas de Nuremberg, mas Hess protegeu a família Haushofer. Em seguida, o trabalho intelectual do general é por sua vez afetado pela censura (em particular pela interdição, em 1939, de seu livro “As Fronteiras”).

Com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, Karl, então septuagenário, transforma-se em testemunha impotente, entregue às suas pesquisas. Em abril de 1941, dois meses antes do envio dos exércitos alemães contra a União Soviética, um dos filhos de Haushofer, Albretch, encontrava-se implicado nas negociações secretas para chegar a uma paz entre a Alemanha e a Inglaterra. A 10 de maio de 1941, Hess, o seu protetor, voa para a Escócia, ao que parece para negociar um acordo com a Inglaterra, fato este, que acaba colocando Hess na prisão.

A revista de geopolítica comandada por Haushofer, *Zeitschrift für Geopolitik* (ZFG), mergulha em uma dificuldade inultrapassável: como conduzir análises “neutras” e “científicas”, em um estado que não só está em guerra como tem um regime totalitário? Dentre as opções que restam à revista estão: o alinhamento com o nazismo, a interrupção da publicação ou a demissão. Segundo Defarges (2003, p.82): “[...] a revista esforça-se por conciliar o inconciliável: a perseguição de trabalhos mais ou menos independentes e, ao mesmo tempo, o fornecimento de razões justificativas das conquistas hitlerianas. ‘O que foi escrito e impresso depois

de 1933 foi o *under pressure* [sob constrangimento] e é necessário julgar em conformidade com isso' (Haushofer, na sua "confissão" de outubro de 1945)".

Os tempos vindouros não são favoráveis à família Haushofer. Na sequência do atentado contra Hitler, a 20 de julho de 1944, o general-geógrafo suspeito de cumplicidade, foi detido pela Gestapo, ficando preso de 28 de julho a 31 de agosto de 1944. Ora, Haushofer condena claramente o gesto do coronel Von Stauffenberg. Quanto ao seu filho Albretch, que estava entre os conspiradores de 20 de julho, é apanhado pela Gestapo em dezembro de 1944 e executado em abril de 1945. Com a capitulação incondicional da Alemanha hitleriana (08 de maio de 1945), Haushofer foi detido pelas forças americanas e sofreu o interrogatório ao qual foram submetidos todos os que estavam rotulados como "nazis". No decurso do outono de 1945 foi ouvido como testemunha no processo de Nuremberg, tendo sido confrontado com seu discípulo Hess, o qual fingiu não o conhecer. Dessa maneira, Defarges (2003, p.83) explicita essa problemática através de sua afirmação:

Um suicídio não se explica; exprime o enigma que é todo o homem — para os outros e para si mesmo. No que diz respeito à Haushofer e à sua mulher, a 10 de março de 1946 estão no fim do caminho. Que visão, no momento do seu suicídio, leva Haushofer da sua obra, da sua eventual influência no afundamento da Alemanha, das responsabilidades dos intelectuais no desastre? A morte leva consigo este segredo.

Talvez sirva como síntese deste enigmático personagem, que compõe o *hall* dos teóricos da "geopolítica clássica", a definição a cunhada por Vicens Vives (1951, p.50): "Em síntese, um idealista conservador, possivelmente reacionário e aristocrático, porém não disposto a preparar o caminho para a agressão hitleriana na Europa".

Por conseguinte, a partir da morte do general Haushofer e o fim da Segunda Guerra Mundial, a geopolítica ingressa em uma profunda crise, ou seja, em uma fase de questionamentos e inclusive de esgotamento de seus pressupostos fundamentais. "Primeiramente, até meados da década de 1970, ela viveu em uma espécie de ostracismo, pois os vencedores a identificavam com os vencidos (o fascismo italiano, a política expansionista do Japão de antes da guerra e especialmente o nazismo alemão) e praticá-la ou mesmo escrever sobre ela (a não ser que fosse para criticar veementemente) passou a ser algo não recomendável ou mesmo banido do mundo acadêmico e científico" (VESENTINI, 2005, p.25).

Para Raffestin *apud* Font e Rufi (2006, p.66):

[...] A derrota do nazismo acabou não apenas com a *Geopolitik*, mas também em grande medida com a geopolítica e a geografia política acadêmicas. A identificação entre os três termos foi total e acabou por arrastar com ela o pai espiritual de toda a geografia alemã, Ratzel. Se esta foi uma relação lógica e única do pensamento geográfico alemão ou não, existem posturas em um sentido e no outro.

Esta afirmação é evidenciada através da idéia exposta por Sodré (1987, p.54), para quem "se o determinismo geográfico é um dos traços mais característicos da geografia da época do imperialismo, a geopolítica assinala deformação levada à monstruosidade — é a geografia do fascismo. Desde que

Ratzel lançara as bases do determinismo, abrem-se à geografia dois caminhos: o científico e o ideológico. A geopolítica representa a culminância da trilha ideológica”. Por fim, conforme afirma Pierre George *apud* Sodré (1987, p.70): “A pior das caricaturas da Geografia aplicada da primeira metade do século XX foi a Geopolítica, justificando, autoritariamente, qualquer reivindica o territorial, qualquer ‘pilhagem’, por pseudos-argumentos científicos”.

A Geopolítica Haushoferiana

A análise da geopolítica desenvolvida no espaço geográfico alemão é, em primeiro lugar, consequência da derrota de 1918, do Tratado de Versalhes. Para os cientistas alemães e, portanto também para os geógrafos, tratava-se sempre de elaborar as ferramentas de um saber adaptado, que ajudariam a Alemanha a obter o lugar a que tinha direito na Europa e no mundo. Assim, objetivou-se ultrapassar a Geografia Política de Ratzel e por no seu lugar a Geopolítica.

Segundo a distin o de Haushofer, a geografia política interroga-se sobre a distribui o do poder estadual no espaço, bem como sobre o seu exercício nesse espaço, enquanto a Geopolítica tem por objeto “a atividade política em um espaço natural”. A Geografia Política observa “as formas do ser estadual”, enquanto a Geopolítica se interessa pelos “processos políticos do passado e do presente”. Dessa maneira, para Haushofer *apud* Defarges (2005, p.83):

[...] a geopolítica fornece a reserva permanente de saber político que se pode ensinar e aprender; este, como uma ponte necessária ao salto para a a o política, como uma espécie de consciência geográfica que conduz ao ato, deve levar ao melhor lugar possível para saltar, ao último ponto sólido para que este salto seja pelo menos executado do domínio do saber para o domínio do poder e não do domínio da ignorância para o do poder, o que seria um salto maior e mais incerto.

Perante esta afirma o, torna-se necessário destacar o sentido do conceito de poder, o qual perpassa grande parcela das idéias expostas pelo teórico. Para Claval (1979, p.10): “Poder não é apenas estar em condi es de realizar por si mesmo as coisas,   também ser capaz de que sejam realizadas por outros. Ao império direto sobre o mundo acrescenta-se assim um império sobre os outros”. Esta idéia, que foi abordada de forma obstinada pela Alemanha hitleriana, acabou por aniquilar as pretensões nazistas, bem como, os ideais Haushoferianos.

Na sequência de Ratzel e dos geógrafos alemães, Karl Haushofer reformula a interroga o: qual é o lugar justo da Alemanha no mundo? Enquanto Ratzel é influenciado pela vitória alemã “incompleta” e “inacabada” de 1871, Haushofer apenas sabe raciocinar a partir do traumatismo imposto pela derrota alemã na Primeira Guerra Mundial, sobre o qual desenrola sua ambi o de construtor de uma disciplina.

Tr s preocupa es guiam a tarefa empreendida pelo general-geógrafo:

a) A no o de espaço vital continua central para um homem que é muito sensível às densidades geográficas, que não admite as injustiças do Tratado de Versalhes e que, durante muitos anos, se ocupa das minorias alemãs fora da Alemanha. Para Haushofer, o espaço cultural alemão deve reencontrar a sua unidade, sendo sua área de expansão natural a Europa Central;

b) Uma grande atenção às dinâmicas de constituição de grandes conjuntos denominados “pan-idéias”, como o pangermanismo, o pan-eslavismo, o pan-asiatismo. Nesse ponto, Haushofer é duplamente representativo das reflexões da sua época (esquemáticamente, o período entre as duas grandes guerras); e,

c) A idéia da potência continental e da potência marítima. Isso porque, entre os inspiradores de Haushofer figura evidentemente Halford Mackinder, que vê o *heartland* como “o pivô geográfico da história”.

Estas preocupações que guiam os estudos desenvolvidos por Haushofer, atendem em grande parte a “dinâmica do poder” engendrada pelas grandes potências. Esta pode ser abordada a partir da concepção weberiana, pois segundo Weber (2002, p.112):

Por motivos gerais da “dinâmica do poder” em si, as Grandes Potências são, com frequência potências expansionistas; ou seja, são associações que visam a expandir os territórios de suas respectivas comunidades políticas pelo uso, ou ameaça de uso, da força, ou ambas as coisas. As Grandes Potências, porém, não são necessariamente, e nem sempre, orientadas para a expansão. Sua atitude, sob tal aspecto, modifica-se frequentemente, e nessas modificações os fatores econômicos desempenham um papel importante.

Conforme as explanações de Mello (1999, p.79): “O haushoferismo advogava uma aliança da Alemanha com a Rússia e o Japão, que deveriam ajustar suas respectivas esferas de influência e formar uma nova constelação de poder na Eurásia”. Na visão de Haushofer, esta partilha levaria à constituição de três grandes áreas supercontinentais denominadas pan-regiões: a *Euráfrica* (englobando Europa, África e Oriente Médio) – submetida à suserania alemã; a *Pan-Ásia* (abarcando a China, Coréia, Sudeste asiático e Oceânia) – sob domínio japonês; e, entre ambas, a *Pan-Rússia* (gigantesca zona-tampão formada pela Rússia, Irã e Índia) – tutelada pela ex-União Soviética. Finalmente, o general-geógrafo alemão concebia ainda uma quarta pan-região — a *Pan-América* —, que englobava todo o continente americano sob o domínio dos EUA (Figura 01).

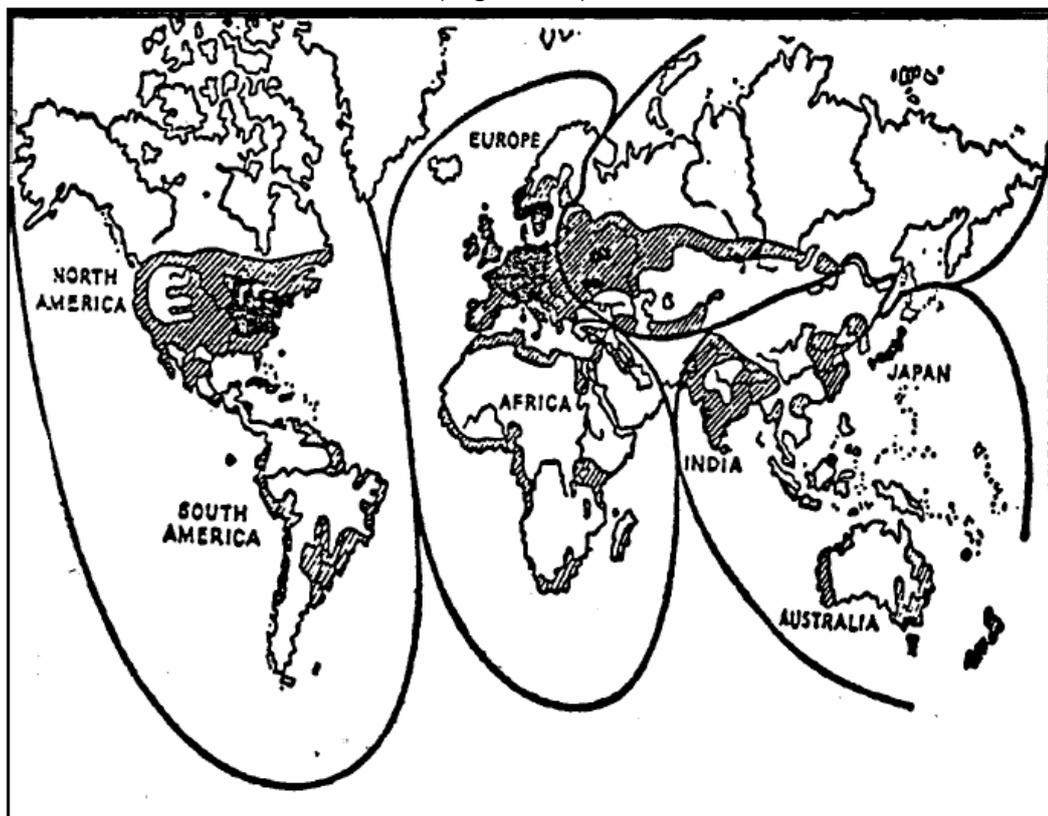


Figura 01: O Mundo Segundo o General Karl Haushofer.
Fonte: MELLO, 1999, p.81.

Em suma, Haushofer concebia uma constelação antibritânica de poder, com seu eixo no *Heartland* russo-soviético, estando o território alemão conectado ao japonês através de uma rede de transporte terrestre. Porém, as linhas mestras da política externa formulada pelo *Führer*, apontaram justamente para a direção oposta dos blocos de poder (pan-regiões) arquitetados pelo general: a aceitação da hegemonia naval e colonial da Inglaterra em troca do reconhecimento da supremacia continental alemã, com base em um ajuste recíproco feito com a Rússia. Assim, segundo Tosta (1984, p.62-63):

Não se sabe exatamente até que ponto os conhecimentos de Haushofer influenciaram as idéias de Adolf Hitler. O fato é que o Estado-Maior alemão simpatizava amplamente com a tese de Haushofer, e certamente o capítulo XIV do *Mein Kampf* contém muitos pontos de vista do mestre alemão. A verdade fundamental e incontestável é que Haushofer, diretamente em uns casos e de modo indireto em outros, coordenou, integrou e racionalizou todo o campo da Geografia comparada para uso do *Führer*.

O obscurantismo que se abateu sobre a noção de geopolítica após a Segunda Guerra Mundial resultou da convicção de que se tratava de uma ciência nazi, de um aparelho de conceitos que serviram para justificar as ambições hitlerianas.

No entanto, cabe ressaltar, que a geografia política de Ratzel e mais tarde a geopolítica de Haushofer constituíram componentes importantes do clima intelectual e moral da Alemanha dos anos 1890 a 1945. Em particular, os ensinamentos, os artigos e os livros de Karl Haushofer sustentaram numerosos jovens ligados ao nazismo (principalmente seu discípulo Rudolf Hess) ou que se juntaram a ele depois da chegada de Hitler ao poder. Da mesma forma, a revista comandada por Haushofer, *Zeitschrift für Geopolitik* (ZFG), não soube escapar às tensões entre nacionalistas conservadores e nazistas.

A figura abaixo demonstra o tipo de Cartografia desenvolvida pela Revista de Geopolítica, na qual aviões e tropas estrangeiras dão a impressão de um cerco à Alemanha, de um país prestes a ser invadido. Representações como essas contribuíram em larga medida para a “psicose do confinamento” alemão, expressão cunhada por Paul Claval.

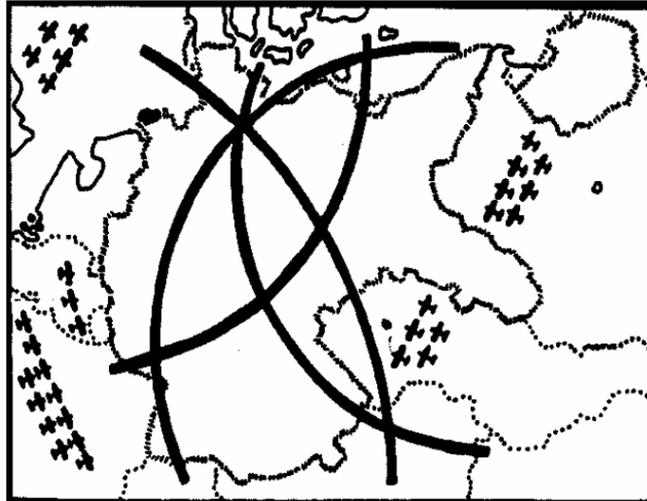


Figura 02: Área Limite de Ameaça à Alemanha por Aviões de Países Vizinhos.
Fonte: VESENTINI, 2005, p.24.

Assim, de acordo com as explicações de Lacoste (2004, p.19): “[...] pode-se questionar se as representações geopolíticas, construídas por Karl Haushofer e lançadas no contexto de um grande movimento patriótico, antes de ser retomadas pelos nazistas não contribuíram, em uma larga medida, para que o povo alemão em 1944-1945 se lançasse à beira da tragédia”.

Quanto à Haushofer, cabe lembrar, que era evidentemente entusiasmado, fascinado por Hitler e pela ascensão da Alemanha a partir de 1933. Ao longo dos anos de 1933 a 1940 tornou-se um conferencista muito convidado; a geopolítica era ensinada nas universidades e nas escolas superiores.

De uma maneira mais ampla, a Europa entre as duas guerras foi dilacerada por paixões extremas e violentas: lutas entre ideologias (liberalismo democrático, comunismo soviético, fascismo, nazismo) e conflitos entre nações misturavam-se, combinavam-se ou opunham-se. Dessa maneira, tornou-se muito difícil à geopolítica não estar comprometida, quaisquer que fossem as intenções dos seus especialistas e teóricos.

Contudo, há um mal-entendido ou uma incompreensão trágica entre o empreendimento hitleriano e o empreendimento da geopolítica. Isso porque, segundo Martin (1995, p.91): “Não se pode responsabilizar toda a geopolítica pelos sonhos de conquista do III *Reich*. [...] Diga-se de passagem, se Hitler tivesse dado mais atenção a seu conselheiro geopolítico, major-general Karl Haushofer, quem sabe nunca tivesse invadido a União Soviética. Isto porque, para a geopolítica, o fator “posição” vale mais para a segurança dos Estados do que o fator “espaço”, e a “amalgamação” por sua vez, é vista como superior à “conquista”, como forma de assegurar o acesso a recursos e mercados”.

Por fim, de acordo com as análises de Martin (1995, p.91) entorno das relações entre a *Geopolitik* alemã e o nazismo, pode-se afirmar que:

Isto não isenta obviamente a produção geopolítica de críticas. Todavia é insensato imaginar que organizadas sob a forma de “Estados nacionais”, as sociedades humanas possam prescindir de reflexões sistematizadas que relacionem o “espaço” com o “poder”. Nesse sentido, a União Soviética soube explorar como ninguém as indicações mais preciosas da geopolítica, ao utilizar seu vasto território como reserva de segurança, e, mais do que isso, ao aproveitar-se de sua posição neutralizando, em um primeiro

momento, seu pior adversário a oeste. Com isso, definiu a guerra a seu favor antes mesmo que ela começasse, invertendo em seguida, todo o *cordon sanitaire* da Europa Oriental em seu benefício. Através desta operação bem sucedida, os soviéticos confirmaram, talvez involuntariamente, a tese de Mackinder segundo a qual, a Europa do Leste constitui a zona nevrálgica principal das relações de poder, em uma escala planetária. Provaram assim, que os conhecimentos geopolíticos são imprescindíveis em questões de soberania.

Considerações Finais

Diante dos assuntos aqui abordados torna-se possível inferir que a geopolítica é alemã na medida em que talvez nunca na história, uma disciplina tenha sido tão dominada pelo destino de um povo. A tragédia da *Geopolitik* alemã ilustra uma interrogação permanente: poderá um ramo do saber que incida sobre o homem enquanto um ser cultural, ser uma ciência, isolando leis válidas para todos os lugares e todos os tempos?

Paradoxalmente, Karl Haushofer, aquele que notabilizou a geopolítica como arma do nazismo, foi um dos teóricos da geopolítica clássica que menor influência exerceu sobre a política externa de seu país. O expansionismo nazista se deu em clara oposição àquilo que o general julgava mais conveniente à Alemanha: constituição de um bloco transcontinental euroasiático, composto por uma aliança entre Rússia, Alemanha e Japão, capaz de colocar em xeque o poderio naval da Inglaterra, além de poder suficiente para dominar o *Heartland*.

Haushofer e os demais colaboradores da *Zeitschrift für Geopolitik* (Revista de Geopolítica) foram influenciados diretamente pelas teorias e idéias estabelecidas por Friedrich Ratzel, Rudolf Kjellén, Alfred Mahan e Halford Mackinder. Essa revista, que perdurou por duas décadas, abordou temas como o “espaço vital”, o destino nacional diante da humanidade e a ordem mundial ideal, os quais foram trabalhados posteriormente por diversos geopolíticos ao redor do planeta, inclusive no Brasil.

Por conseguinte, a associação dessa revista ao expansionismo nazista, bem como, as teorias que sustentaram a *Geopolitik* alemã acabaram por acarretar o lançamento da geopolítica ao obscurantismo, não sendo mais objeto de estudo das academias européias de ciência. Fato este elucidado por Castro (2005, p.20), para quem:

[...] Após a Primeira Guerra Mundial, geógrafos e os conhecimentos por eles produzidos foram mobilizados para ajudar a traçar as novas fronteiras na Europa. Na Segunda Guerra Mundial, a escola de geopolítica alemã inspirada em alguns conceitos elaborados por Ratzel, forneceu a justificativa intelectual para o autoritarismo do III *Reich* e para o expansionismo alemão. Os desdobramentos do nazismo, do fascismo e do Holocausto conduziram a disciplina ao ostracismo, e seus temas tradicionais, como fronteiras, minorias, territórios dos Estados, divisões políticas etc., passaram a ser tratados num empirismo despolitizado, abandonando suas ambições teóricas anteriores.

Durante as três décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial, a geopolítica permaneceu em isolamento. É, apenas, em meados da década de 1970, que a

mesma é resgatada, desta vez como importante instrumental para a organização do espaço e o avanço da democracia.

Referências Bibliográficas

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política**: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CLAVAL, Paul. **Espaço e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**: discursos sobre o território e o poder. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

DEFARGES, Philippe Moreau. **Introdução à Geopolítica**. Lisboa: Gradiva, 2003.

FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão; ZENHA, Celeste. **O Século XX**: o tempo das crises – revoluções, fascismos e guerras. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 2.

FONT, Joan Nogue; RUFÍ, Joan Vicente. **Geopolítica, Identidade e Globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.

LACOSTE, Yves. **A Geografia**: isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra. 8. ed. Campinas: Papirus, 2004.

MARTIN, André Roberto. Geopolítica e Ideologia na Segunda Guerra Mundial. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Segunda Guerra Mundial**: um balanço histórico. São Paulo: Xamã, 1995.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem Tem Medo da Geopolítica?** São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia**: geografia e ideologia. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

TOSTA, Octavio. **Teorias Geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

VICENS VIVES, Jaume. **Tratado General de Geopolítica**. Barcelona: Vicens-Vives, 1951.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

WEIGERT, Hans W. **Geopolítica: generales y geógrafos**. 2. ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica, 1944.

Recebido em 07 de novembro de 2010.

Revisado em 21 de janeiro de 2011.

Aceito em 21 de fevereiro de 2011.